

A NÃO PROLIFERAÇÃO DE ARMAS NUCLEARES NO SECULO XXI

Leticia Oliveira Rodrigues

RESUMO

Este trabalho descreve a Não Proliferação de Armas nucleares na sua atualidade do século XXI. Os seus primeiros testes nucleares nos anos de 1945, realizados pelos Estados Unidos, para terminar com a segunda guerra Mundial. A história do início deste tratado, entre a ex-URSS (atual Rússia) e os Estados Unidos, nos anos 70, que serviu para tentar acabar com a proliferação de armas nucleares. O artigo explica sobre o Tratado de Não proliferação de Armas Nucleares as suas características e funções. Também irá relatar, os países que fazem parte deste tratado, os signatários e justificar a importância deste tratado para se manter uma harmonia internacional. Buscará mostrar as quatro grandes potencias, que continuam desenvolvendo suas armas atômicas, Índia, Paquistão, Israel e Coreia do Norte e que por diversas razões não fazem parte do acordo. Concluindo que a proliferação continua acentuada na atualidade e que o tratado não consegue resolver todos os problemas Internacionais desta área. Este artigo se baseia na metodologia de pesquisa intelectual, descritiva e qualitativa que irá buscar os conhecimentos através de artigos científicos, monografias e mídia, aprofundando descrever os relatos do tema escolhido.

Palavra Chave: Tratado, Atualidade, Proliferação, Internacional.

Introdução

Este trabalho está direcionado, para explicar e relatar o Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares, que é um tratado que foi firmado na década de 70, por duas grandes potencias, os Estados Unidos e a Ex- Soviética (Rússia). Nos anos

de 1945, no final da segunda guerra mundial, os Estados Unidos, pressionou o Japão para acabar com a guerra, lançando duas bombas atômicas, em seu território, ocasionando uma grande destruição. A partir deste momento começou a proliferação, de armas nucleares. Onde os outros países ficaram interessados em desenvolver seu arsenal.

A história, de onde tudo começou, de como Marie Curie, uma francesa descobriu que o urânio e suas propriedades, havia diferentes radiações e através destas pesquisas, diversos pesquisadores descobriram outros elementos, formando assim a bomba atômica.

O TNP é um tratado internacional histórico cujo objetivo é evitar a disseminação de armas nucleares e tecnologia de armas, promover a cooperação nos usos pacíficos da energia nuclear e promover o objetivo do desarmamento nuclear e do desarmamento geral e completo. (Unoda, n.d.).

O trabalho aponta, os Estados Nucleares, países, com armamento nuclear e os Estados não nucleares, que seriam os países sem armamento nuclear, e suas diferenças, dentro deste tratado. Expõe os países que não aderiram ao tratado de não proliferação de armas nucleares, como Índia, Coreia do Norte, Paquistão e Israel e seus principais motivos, relacionados a ameaças, segurança nacional e ao poder. Algumas ideias, também são expostas para tentar acabar com a proliferação de armas nucleares, como o apelo para a humanidade e a destruição total de todas as armas nucleares existente até hoje.

Descreve algumas resoluções das negociações deste tratado de não proliferação de armas nucleares. E comunica um pouco sobre a AIEA. Que é uma Agência Internacional de Energia Atômica, criada pela ONU, para averiguar se o tratado está sendo cumprido como deveria.

Na atualidade, 191 países, já assinaram este tratado, incluindo o Brasil.

De acordo com as notícias, a Coreia do Norte, continua ameaçando os Estados Unidos, por ajudar a Coreia do Sul, com seu treinamento militar. Justifica como essas ameaças podem acabar ocasionando uma terceira guerra mundial de armas nucleares.

A metodologia deste trabalho, é classificada como descritiva, pois registra e interpreta os fatos e características do Tratado de Não proliferação de Armas Nucleares no Século XXI. Inspirados nos estudos de artigos, monografias, livros e

mídia, por isso é um artigo de revisão. Classificada também como uma pesquisa qualitativa, sendo exploratória, que é um levantamento de dados da percepção do estudo do objeto.

Revisão Bibliográfica

A revisão bibliográfica tem como apoio os principais autores, Azambuja(2010) e Hans Morgenthau (1978), buscando explicar as características deste tratado e seus objetivos, além de mostrar algumas falhas, explicando, porque a proliferação continua.

A elaboração do objeto teórico, foi baseado no autor do artigo: Os Aspectos Políticos da Não Proliferação, escrito pelo Embaixador Marcos Castrioto de Azambuja. As ideias deste artigo, foram o que levou a procura nas informações a respeito do assunto inspirando este trabalho.

Também apresenta justificativas através das teorias realistas clássicas, como o teórico Hans de Morgenthau. Explicando uma das ideias, o porque a proliferação continua existindo, pois para o teórico, os Estados são anarquistas, não acreditam que precisam respeitar, nenhuma autoridade internacional. Essa comunidade internacional, não possuem autoridade para interferir nos seus ganhos nacionais. São Estados singulares, que não pensam como um todo.

Armas Nucleares e sua história

Em 1898, uma física francesa e seu marido Pierre Curie e Marie Curie, encontraram um novo elemento químico, um minério composto de sais de uranio e o tório, que possuía grandes quantidades de radiação. Através de pesquisas, Marie, conseguiu comprovar, que esses elementos, ocasionavam uma diferente radiação, nunca vista antes. A partir dessa descoberta outros cientistas buscaram desenvolver esses e outros elementos. Ernest Rutherford físico inglês descobriu os nêutrons, usando as partículas do núcleo do átomo, revolucionando as pesquisas científicas.

Nos anos 30 inúmeras descobertas foram feitas e dois cientistas, Otto Hahn e Lise Meitner, descobriram misturando os átomos de uranio com nêutrons. Que o núcleo do átomo era formado por 92 prótons, e que dividido em partes menores, o uranio poderia fissionar (fissão nuclear), os elementos criptônio e o elemento bário. Criando uma reação em cadeia com capacidades de gerar uma maior quantidade de

energia. Ocasionalmente uma forma de explosão de grande destruição. Surgindo, então, as bombas nucleares. Os tipos de armas nucleares: a bomba atômica, que é a fissão dos núcleos atômicos, isto é, o rompimento dos núcleos atômicos encorpados, lançando partículas atômicas (nêutrons) contra eles e a Bomba de hidrogênio, que é a fusão de núcleos de átomos leves (hidrogênio). Ocasionalmente por meio de uma explosão, uma quantidade de energia muito maior.

Em julho de 1945, os Estados Unidos, fez seu primeiro teste de bomba atômica, chamado de Trinity, todos que presenciaram os testes, sabiam que haveria uma grande mudança na história da humanidade.

Nesse mesmo ano o presidente americano Harry Truman, autorizou duas bombas atômicas, no Japão, Hiroshima e Nagasaki. Em Hiroshima, uma das maiores cidades do Japão na época, foi a primeira bomba lançada, chamada "Little boy". Essa bomba matou instantaneamente mais de 70 mil pessoas, e mais 140 mil ficaram feridas. Mais de 90% da cidade foi destruída e muitas pessoas morreram depois de doenças ocasionadas pela bomba atômica. Por persistência de o Japão permanecer na guerra, foi lançada outra bomba, em Nagasaki, a chamada "Fat Man", causando 40% de destruição da cidade e mais de 70 mil mortes. O Japão se rendeu, concluindo o fim da Segunda Guerra Mundial. Esse período chama-se proliferação Nuclear.

De acordo com Reigota, (2015, p. 23):

Ao contrário do que poderíamos imaginar, as bombas atômicas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki não foram suficientes para mostrar o perigo que esses artefatos bélicos representavam para a humanidade. Vários países, entre eles os EUA, assim como a ex-URSS, a França, a Inglaterra e a China empenharam-se em possuir essa arma que, além do potencial destruidor, estava carregada de símbolos: de potência política e militar, de desenvolvimento tecnológico e de domínio geoestratégico internacional.

Em 1962, começou as negociações para o controle das Armas Nucleares, na crise dos mísseis de Cuba. Nesse período apenas os Estados Unidos, Reino Unido, URSS possuíam armas nucleares. A China desenvolveu em 1964.

O Tratado de Não Proliferação

O Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares foi primeiramente negociado pelo Estados Unidos e a ex-União Soviética, sendo aprovado em 1968, entrando em vigor apenas em 1970. "É um tratado que pretende acelerar o

desarmamento, impedir a proliferação, e estimular o uso pacífico da energia nuclear” (AZAMBUJA, 2010, p.2).

A princípio as únicas potências nucleares que concordaram com o tratado foram, Estados Unidos, Grã-Bretanha e União Soviética. Foi mais tarde, que a China e França aderiram a esse tratado. Na parte essencial desse tratado esses países são considerados Estados militarmente nucleares, que foram os primeiros 5 países que construíram ou testaram suas armas nucleares antes de 1 de janeiro de 1967. Os demais países são considerados não militarmente nucleares.

“De acordo com o Tratado, os denominados Estados não-nucleares se comprometeram em não desenvolver nem adquirir armas nucleares, enquanto os Estados nucleares se comprometeram em não ajudar aos demais a adquirirem tais armas”. (BATISTA E VIERA, 2016)

Na parte conceitual essas são algumas vigências acrescentadas no início desde tratado:

a) Concordar que a manifestação de armas nucleares iria ocasionar um risco muito grande de um confronto.

b) Ajudar na aplicação de preservar da Agencia Internacional de Energia Atômica (AIEA), em atividades nucleares pacíficas.

A AIEA, é uma Agencia Internacional de Energia Atômica, com sede em Viena (Áustria), criada em 1957. Responsável por preservar a não proliferação de armas nucleares, resolvendo conflitos entre os Estados. É responsável também, por desenvolver com responsabilidade a energia nuclear, de uma maneira sustentável e pacífica. De acordo com o AIEA, Internacional Atomic Energy Agency (n.d) “a agência ajuda os países a atender à crescente demanda de energia para o desenvolvimento, ao mesmo tempo em que melhora a segurança energética, reduzindo os impactos ambientais e de saúde e mitigando as mudanças climáticas”.

c) A aplicação da energia nuclear deve favorecer todos os envolvidos e participar na troca de tecnologia com fins pacíficos.

d) Adotar e declarar com medidas que acabem com o desarmamento nuclear.

e) Continuar com as transações para sempre proibir testes nucleares.

f) Ajudar a contribuir para a confiança entre os envolvidos, no modo que se facilite a cessação, a liquidação e a eliminação de armas nucleares sob efetivo controle internacional.

A criação desse Tratado, era para durar em torno de 25 anos, pois acreditavam que esse seria o tempo ideal para acabar com a não proliferação, a redução de armas e uso ameno. "Entretanto quando, chegamos aos 25 anos iniciais, nenhum progresso havia sido feito; a proliferação continuava embora menos acentuada do que seria se não houvesse o tratado". (AZAMBUJA,2010, p.2). Sua vigência, foi prorrogada por tempo indeterminado, em 11 de maio de 1995, em Nova York e nesta mesma data também ficou acordado que o tratado seria revisado a cada 5 anos, para regular e negociar o seu andamento pela Conferencia de Revisão.

Teoria Realismo Clássico Hans Morgenthau

Desde da década de 50, as teorias realistas explicam a proliferação nuclear, pois a teoria em parte justifica a obtenção de armas de extermínio, e em parte porque o realismo facilitou uma estrutura de sustentação que poderia acompanhar as questões domésticas e explicações para a proliferação. "O realismo político acredita que a política, como a sociedade em geral, é governada por leis objetivas que têm suas raízes na natureza humana." (Morgenthau, 1978, p.4).

A teoria realista explica que o Estado é um ser singular, que busca aumentar seus poderes para subsistir em um sistema Internacional concorrente. Hans Morgenthau um importante teórico da teoria realista clássica, que escreveu o Política entre as Nações, em 1948, evidencia nos seus princípios, o porque a proliferação das armas nucleares. Segundo Morgenthau, o Estado é definido por suas vantagens nacionais, segundo sua obrigação de permanecer no quadro da anarquia internacional. O poder é diretamente relacionado aos ganhos territoriais. A sustentação de poder, é a ideia de equilíbrio, aceitação de mudanças que não disturbem essa estabilidade e a expansão do poder, é a ruína de um concorrente ou uma conquista militar, cultural ou econômico. Os Estados querem proteger seus interesses, onde a segurança significa o desafio terminante para a continuidade de um Estado. " A evidência empírica limitada que veio à tona sugeriu que as ameaças percebidas dos estados vizinhos e dos inimigos mais distantes desempenharam um papel crucial no processo de proliferação nuclear". (OLGIVIE-WHITE, 1996, p.45).

Atualidades Seculo XXI do Tratado de Não Proliferação

Atualmente 191 países fazem parte deste tratado de não proliferação de armas nucleares. Se mantem fora do tratado importantes potencias como Paquistão, Índia Coréia do Norte e Israel, que continuam buscando a proliferação. "Soma-se a esta questão, o fato de que alguns destes países são politicamente instáveis enquanto outros possuem um risco potencial de conflito com seus vizinhos muito alto". (BATISTA E VIERA, 2016).

A Índia justifica o seu arsenal de armas nucleares, devido sua insegurança, frente a seus potenciais inimigos. "Começando pela rivalidade sino-indiana que tem raízes anteriores aos programas nucleares e focalizam-se em disputas fronteiriças, tentativas para alcançar estatuto de hegemonia regional e assistência militar a países terceiros". (GALAMAS, 2015, p.95). Onde a China tem apoiado o armamento Nuclear Paquistão e a Índia tem um acordo com os Estados Unidos desde de 2008, com ajuda de armamento nuclear.

Alguns dos importantes fatores que ocasionaram essas inseguranças foram a Guerra de fronteiras contra a China em 1962, aos testes das armas nucleares em 1964, realizadas pela China e os conflitos com seu vizinho Paquistão. "Para além da aquisição de capacidade nuclear pela China, a percepção da desvantagem convencional que a Índia teria perante as Forças Armadas chinesas terá sido muito provavelmente outra das grandes motivações do programa nuclear militar indiano". (GALAMAS, 2015, p.95). A Índia começou seu processo de fabricação de armas nucleares em 1965. Em 1998, testou cinco engenhos, na qual não se sabe se tiveram sucesso. Acredita-se que hoje a Índia possui cerca de 110 ogivas nucleares.

O Paquistão não muito diferente da Índia, mantem seu arsenal de armas nucleares, por motivos de vulnerabilidade e ameaças vizinhas. "O programa de armas nucleares do Paquistão tem como propósito dirimir a desvantagem convencional que este País tem face às Forças Armadas indianas". (GALAMAS 2015, p.97). A ameaça vem da história entre esses dois países, onde o Paquistão saiu derrotado na guerra de 1971 e aos primeiros testes nucleares da Índia em 1974. A cooperação da China, foi essencial, para o início do armamento do Paquistão, onde a China forneceu uranio e descrições das construções de ogivas, na década de 80.

Israel não muito diferente de Índia e Paquistão, também mantem um grande arsenal de armas nucleares, criadas para proteger, o estado Judeu, contra seus vizinhos. A França por interesses de guerra, em 1955, na África, pediu ajuda de Israel, e em troca, com um acordo secreto ajudaria a desenvolver as armas nucleares Israelenses. Em 1960, cessa a ajuda francesa e Israel continua com seu projeto de armamento.

No mesmo ano, o governo americano tomou ciência das construções em Dimona e exigiu uma explicação por parte do governo de Israel, que por sua vez declarou que seu programa nuclear estava sendo desenvolvido com fins científicos, industriais e para aplicação médica. (LIMA E FREITAS 2016).

Israel acredita estar vulnerável comparada aos seus vizinhos, por isso nunca assinou o tratado de não proliferação de armas nucleares. E alguns dos países aceitaram que Israel tivesse suas armas desde que mantivesse em segredo.

Os motivos apresentados por essas potências para continuar com a proliferação, não são justificáveis, dado de que a maioria dos países, em sua história, também já passaram por guerras ou se sentem ameaçados por seus vizinhos. Essas teorias, também daria oportunidades para outras potências terem a chance de manter armas nucleares. Explica Hans Morgenthau em seu trabalho, os Estados devem lutar pela sua sobrevivência, motivados por seus interesses nacionais, como exemplos a segurança e o poder, na comunidade internacional.

Já a Coreia do Norte, país socialista, tem motivos diferenciados, dos demais países para manter suas armas nucleares. A Coreia do Norte, quer mostrar que é uma potência, poderosa e que pode desafiar os Estados Unidos o apoiador da Coreia do Sul, um país capitalista. Basta olharmos para o que está acontecendo na atualidade com a Coreia do Norte, testando suas armas nucleares e ameaçando, os Estados, apenas por poder. Essas ameaças podem acabar começando ou justificando uma terceira Guerra Mundial de armas nucleares. Tudo por que a Coreia busca poder e território.

A China, aliada norte-coreana, voltou a pedir nesta segunda que os dois países (EUA e Coreia do Sul) suspendam seus exercícios conjuntos e que sejam retomadas conversações para pôr fim à crise entre Estados Unidos e Coreia do Norte. Pyongyang, por sua vez, criticou os exercícios, dizendo que eles buscam "inflamar uma guerra nuclear na península coreana". (G1, 2017, O Globo).

Após a guerra, contra a Coreia do Sul, a Coreia do Norte, por se sentir ameaçada, que o Sul tinha o apoio dos Estados Unidos, no armamento atômico, começou com sua busca em tentar desenvolver seu arsenal. Apoiada pela URSS, foi assinado, dois acordos que eles iriam auxiliar com seu armamento e neste mesmo tratado ficou acordado que a Coreia do Norte, não poderia desenvolver suas armas nucleares. Nos anos 80, a Coreia do Norte, teve novamente a cooperação do URSS, para construir uma central nuclear. O objetivo era a criação de energia elétrica, em troca resignariam seus programas de armas nucleares. Em 1985, Coreia do Norte assinou o tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares e em janeiro de 2003, saiu desse tratado, buscando seu armamento. A Coreia do Norte, em 9 de outubro de 2006, assumiu para o Mundo, possuir armas nucleares, realizando seu primeiro teste e neste mesmo ano, testando mísseis de longas distancias o chamado Taepong -2. A comunidade Internacional e a Coreia do Norte, desde então, passaram a ter vários conflitos internacionais.

O artigo 10º pode ser a maior fraqueza do TNP por permitir a simples saída e desresponsabilização dos Estados aderentes que assim o desejem, pondo em risco o regime de não-proliferação que vem a ser trabalhado e mantido, por tentativas falhadas e de sucesso, desde os finais da década de 40. A saída da Coreia do Norte, em 2003, e a conseqüente proliferação são disso exemplo. (FERNANDES, 2013 p.159).

O Brasil assinou o Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares em 1998, as partes básicas iniciais do tratado, mas se negou a aceitar o Protocolo Adicional ao Acordo de Salvaguardas da Agencia Internacional Atômica de Energia Nuclear (AIEA).

O Brasil zelará por manter abertas as vias de acesso ao desenvolvimento de suas tecnologias de energia nuclear. Não aderirá a acréscimos ao Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares destinados a ampliar as restrições do Tratado sem que as potências nucleares tenham avançado, de forma significativa, na premissa central do Tratado: seu próprio desarmamento nuclear. (DEFESA.GOV.BR.2012)

No presente momento existem dez estados potencias, que possuem armas nucleares, pode se dizer que se não houvesse esse tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares, existiriam, umas vinte e cinco ou mais potencias com arsenal nucleares. O tratado neste aspecto falhou, pois continua existindo a proliferação, mas ao mesmo tempo conseguiu controlar os números de países, para que não desenvolvesse mais armas nucleares. Também errou no artigo 6, que deveria haver um trabalho de desarmamento, pelos países nucleares. "Há um progresso, mas muito aquém do desejado; agora pela primeira vez em muitos anos, é que começa, de fato,

a haver uma redução do número de ogivas". (AZAMBUJA, 2010, p.2). Essas ogivas, são muito mais fatais e eficientes que a 20 anos atrás. O número de ogivas baixou de 8 mil para 3 mil ogivas. "Portanto o que se ganhou em números absolutos, compensou –se pela capacidade de precisão dos seus mecanismos de controle". (AZAMBUJA, 2010, p.3). Não podemos dizer que houve uma redução, se a capacidade é muito mais mortal, isso quer dizer que os Estados militarmente nucleares continuaram com o desenvolvimento e a proliferação das armas nucleares. Segundo Morgenthau (1973) apud Otoni (2013), "dentre as formas mais comuns de se atingir o equilíbrio de poder estão as corridas armamentistas, que podem assegurar ao Estado um poder de dissuasão suficiente para evitar conflitos".

Outro aspecto deste tratado é a diferenças entre os países, que possuem ou não armas nucleares. "Em resumo, uma primeira consideração é que o Tratado de Não Proliferação tem uma injustiça central, pois discrimina países que podem ter armas nucleares e os outros que não podem tê-las". (AZAMBUJA, 2010, p.4). Dificultando muitas vezes a aceitação e ocasionando sentimentos de relutância dos próprios países signatários, por acreditar que os estados militarmente nucleares irão se desarmar. Se um país se torna mais potente que outros, haverá uma revolta por parte dos países inferiorizados, para buscar o reequilíbrio. De acordo com Morgenthau, teórico realista, os Estados são anarquistas, isto é, não acreditam que haja uma autoridade superior na comunidade internacional, falhando assim em impor regras, leis ou maneiras de como os Estados devem agir.

Uma das teorias para o fim da proliferação de armas, seria o desarmamento total de todas os Estados nucleares. Segundo Bull (2002, p.353) "trata-se de consenso que precisa incluir uma percepção de interesses comuns entre as grandes potências, suficiente para habilitá-las a colaborar com relação aos objetivos da ordem mundial mínima, e especialmente para evitar a guerra nuclear". Existem muita relutância por partes dos países nucleares, para aceitarem essa ideia, pois suas justificativas para possuir armas nucleares, na verdade não são justificáveis, como insegurança, poder, desconfiança, inimizade dentre outros. São problemas que podem ser resolvidos. O Estados Unidos e a Rússia, por serem os primeiros países deste tratado, deveriam ser os primeiros a desarmarem, dando os exemplos para os outros.

Outra possibilidade seria o desarmamento humanitário, diferente do estratégico destaca-se nos impactos relacionados ao ser humano. Parte da lógica que as

decisões relacionadas ao Estado, não devem permanecer unicamente na confiança dos governadores ou militares. A comunidade civil, tem o direito e dever de expressar seu entendimento e posicionamento relacionados as armas nucleares. "Importante esclarecer que a perspectiva humanitária sobre as armas nucleares não se limita apenas às normas e princípios do Direito Internacional Humanitário, mas vai além e envolve, também, aspectos políticos e ético-morais acerca de suas consequências". (Viera e Batista 2016). Isto, quer dizer a comunidade pode e deve influenciar a nação, quando o assunto for tão importante como o desarmamento de armas nucleares.

O tratado de não proliferação de Armas Nucleares, na opinião de Azambuja (2010, p.4), "sem uma rigorosa verificação, não há credibilidade, sem a convicção de os que tem armas nucleares trabalham para desfazer seus arsenais, não há justiça, e se não houver uma transferência de energia, não há condições de consenso". Isto é, tem que haver uma colaboração mutua entre os países para que funcione melhor este tratado.

Metodologia

O ponto de vista metodológico, deste artigo é classificado como uma pesquisa descritiva, pois observa e analisa sobre o Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares e suas principais características. A observação foi efetuada com o feitio de forma passiva, com a intenção de ajudar a buscar os dados para esta pesquisa. O trabalho define-se como bibliográfico, pois sua pesquisa é realizada com a ajuda de material produzido de artigos científicos, monografias, livro e mídia. Este artigo também pode ser classificado como qualitativa, pois a interpretação é focada no objeto, estudando e analisando as particularidades de uma forma mais profunda.

Conclusão

O Tratado de Não proliferação de Armas Nucleares, possui algumas conquistas perante a sua proliferação. Evitou que mais de 25 a 40 potencias desenvolvem seu arsenal de armas. E possui 191 países que adotaram suas resoluções. Pequenas vitórias que fazem a diferença.

Infelizmente o tratado não controla a sociedade internacional, pois existem outros países, além da Coreia do Norte, que estão ou já desenvolveram suas armas

nucleares. São eles Índia, Paquistão e Israel, que não assume possuir armas nucleares. A sobrevivência de um Estado é a principal razão o porquê eles procuram armas nucleares. Já a Coreia do Norte seria o único país que usa a proliferação por motivos de poder.

É importante destacar que existe uma preocupação grande e que cada vez mais se buscam teorias para alcançar o sucesso desse tratado de não proliferação de armas nucleares. Como a teoria de todas as potências nucleares se desfazerem de seu armamento. Os Estados Unidos e a Rússia, deveriam ser os primeiros, pois foram os responsáveis pelo tratado. Deveriam dar o exemplo e exterminarem com suas armas. Sou a favor de um regime mais rigoroso para terminar de vez essa proliferação de armas nucleares. Se todos pudessem fazer isso, o tratado nem precisaria existir.

Outro fator relevante é a população não deixar o controle, apenas nas mãos dos governantes ou forças armadas. Seria a sociedade buscar se posicionar perante a estas questões de armas nucleares. E assim na utopia, os governantes seriam forçados a fazê-los. Escutando a voz da nação.

Realizei este trabalho com o intuito de aprender um pouco mais o porquê a Coreia do Norte, hoje, está testando suas armas nucleares e o que se pode fazer perante a essa situação. Seria possível uma terceira guerra mundial começar de acordo com essas ameaças? A Coreia do Norte está ameaçando aos Estados Unidos, pois a história desses dois países vem de muito tempo. Onde começou com os Estados Unidos ajudando a Coreia do Sul, vencer a guerra entre eles. Independentemente de sua história, não se justifica essas ameaças, pois mesmo que eles se odeiem, matar milhões de pessoas em um único momento, não é a reposta.

Referencias

A POSIÇÃO DO BRASIL NA QUESTÃO NUCLEAR. 2008. Rio de Janeiro. Blog eletrônico. Rio de Janeiro: O GLOBO, 2008. em: <<http://blogs.oglobo.globo.com/panorama-politico/%20post/a-posi%C3%A7%C3%A3o-do-brasil-na-questao-nuclear-148083.html>> Acesso em 27 abril 2017.

AZAMBUJA, Marcos. Aspectos Políticos da Não Proliferação. 2010. Rio de Janeiro. Las-ans Symposium, 2010. em < <file:///C:/Users/letid/Downloads/texto%20n%C3%A3o%20prolifera%C3%A7%C3%A3o%20de%20armas%20nucleares.pdf>> Acesso 31 de Julho 2017

BARBOSA, T. *et al.* Entre o Urânio Enriquecido e Uma População Desabastecida. 2016. Brasil. Relacionais e Interdependente, 2016. em: < <http://sinus.org.br/2015/wp-content/uploads/2017/01/3.2-G6-PP.pdf>> Acesso em 31 de Julho de 2017

BULL. Redley. A Sociedade Anárquica.1977.Brasília: Coleção de Clássico Ipri. 2002. em< file:///C:/Users/letid/Downloads/Sociedade_Anarquica_A%20livro.pdf> Acesso em 20 de Julho 2017

DESARMAMENTO NUCLEAR E NÃO PROLIFERAÇÃO. Brasil. Política Externa: Brasil. em: < <http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/politica-externa/paz-e-seguranca-internacionais/146-desarmamento-nuclear-e-nao-proliferacao-nuclear> > Acesso em 27 abril 2017.

DOHERTY, Ben. UN votes to start negotiating treaty to ban nuclear weapons.2016. The Guardian. Texto eletrônico, 2016. em < <http://www.atomicreporters.com/wp-content/uploads/2016/10/UN-votes-to-start-negotiating-treaty-to-ban-nuclear-weapons--World-news--The-Guardian.pdf>> Acesso em 20 de Julho 2017

DUTRA, Leonardo. Nações Unidas: Compêndio de normas para simulação de organizações internacionais. São Paulo: Simplíssimo, 2015.

EUA E COREIA DO SUL INICIAM MANOBRAS MILITARES EM MOMENTO DE TENSÃO. 2017. Rio de Janeiro. Blog eletrônico. O Globo, G1. 21/07/2017. em:< <http://g1.globo.com/mundo/noticia/eua-e-coreia-do-sul-iniciam-manobras-militares-em-momento-de-tensao.ghtml>> Acesso em 21 de Agosto 2017

FERNANDES, Ricardo. Coreia do Norte: Uma ameaça Real.2013. Lusíada. Política Internacional e Segurança, n.º 9. p. 145-176.2013. em< <file:///C:/Users/letid/Downloads/435-1545-1-PB.pdf>> Acesso em 20 de Agosto 2017

GALAMAS, Francisco. O Fator Nuclear e as Dinâmicas no Século XXI.2015. Proelium X (10), p.89 – 106, 2016. em< <file:///C:/Users/letid/Downloads/8915-25367-1-SM.pdf>> Acesso em 20 de Agosto 2017.

GONTIJO, Raquel. Porque os Estados querem Bombas? As Condições para a Proliferação Nuclear. Rev. Bra. Est. Def. v. 3, nº 1, p. 69-90, jan.-jun. 2016. em: < <file:///C:/Users/letid/Downloads/64087-272070-1-PB.pdf>> Acesso em 07 de Agosto 2017

GUIMARÕES, Marcio. As Alterações da Política Externa Brasileira nos anos noventa. Um estudo de caso: A Adesão ao Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares. (TNP). 2005. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2005. em: < <file:///C:/Users/letid/Downloads/texto%204%20tratado%20de%20nao%20proliferaçã%20de%20armas%20nucleares.pdf>> Acesso em 15 de Agosto de 2017.

IAEA. Agency Atomic Energy Agency.2017. Disponível em: < <https://www.iaea.org/>>. Acesso em 20 de Agosto 2017

JESUS, Diego. Noites Tropicais: O Brasil e a nova era de proliferação e desarmamento nuclear. 2010.Revista de Sociologia e Política. 2012. em: < <http://www.redalyc.org/html/238/23825528003/>> Acesso em 15 de Agosto 2017

LAIDLER. Christiane. A história de Relações Internacionais no Mundo Contemporâneo: A questão de Segurança Coletiva. 2013. Teresina: Universidade Federal Piauí, 2013. em: <<file:///C:/Users/letid/Downloads/ARTIGO%20Tratado%20de%20N%C3%A3o%20proliferaçã%20de%20armas%20nucleares.pdf>> Acesso em 31 de Julho 2017.

LAMAZIERE, Georges. Desarmamento Nuclear e Hegemonia- em busca de um novo paradigma. 2016. São Paulo: EI/SP. 2016. em: < <file:///C:/Users/letid/Downloads/texto%202%20nã%20proliferaçã%20de%20armas%20nucleares.pdf>> Acesso 20 de Julho 2017.

LIMA.M; FREITAS.M. O Programa Internacional do Irã e Panorama Internacional.2016. Curitiba: Revista Jurídica. vol. 03, nº. 44, pp. 355-380. Curitiba,2016. em: < http://www.psp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/bibli_informativo/bibli_inf_2006/Rev-Juridica-UNICURITIBA_n.44.17.pdf> Acesso em 20 de Agosto 2017

MANOBRA DOS ESTADOS UNIDOS PODE RESULTAR EM COMBATES, DIZ COREIA DO NORTE. 2017. Folha de São Paulo (France Press). Texto eletrônico. 2017. em: < <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/08/1911443-manobra-dos-eua-pode-resultar-em-verdadeiros-combates-diz-pyongyang.shtml>> Acesso em 20 de Agosto 2017

MARTINEZ. D; MARTINS.C. A consolidação da Coreia do Norte como potência Nuclear através da Liderança de Kim Jong Un. 2016. Brasil. Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais, | v.5, n.10, p.51-74, jul-dez. 2016. em< <file:///C:/Users/letid/Downloads/60657-299093-1-PB.pdf>> Acesso em 15 de Agosto 2017

MINISTÉRIO DA DEFESA, Estratégia Nacional de Defesa, 2012, p. 21. em < <http://www.defesa.gov.br/arquivos/2012/mes07/end.pdf> > Acesso em 20 de Agosto 2017

MORGENTHAU. Hans. Politics amongst Nations: The Struggle for Power and Peace. 1978. New York, 2015. em: < <https://www.mtholyoke.edu/acad/intrel/morg6.htm> > Acesso em 12 de Agosto 2017

MORGENTHAU – PRINCIPIO DO REALISMO. 2011. São Paulo. Blog eletrônico. São Paulo: SPQRAFA, 2011. em: < <http://spqrafa.blogspot.com.br/2011/12/morgenthau-principios-do-realismo.html> > Acesso em 27 abril 2017

NUCLEAR WEAPON FREE ZONES, 2017. Produced by Unoda, Disponível em: <https://www.un.org/disarmament/wmd/nuclear/nw fz/> > Acesso em 27 abril 2017

OLGIVE-WHITE. Tanya. Is there a Theory of Nuclear Proliferation? An Analysis of the Contemporary Debate. Southampton, 1996. Center for Nonproliferation Studies research prize competition, 1996. em: < <file:///C:/Users/letid/Documents/TCC%20%20Universidade%201.pdf> >. Acesso em 07 de Julho 2017

OTONI, Otoniel. O Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares- TNP: Potencialização de diferenças na Geopolíticas Global. 2013. Brasília. Universidade Federal de Brasília, 2013. em < [file:///C:/Users/letid/ Downloads/texto3%20tratado %20de%20nao %20prolifera%C3%A7%C3%A3o %20de%20armas%20nucleares.pdf](file:///C:/Users/letid/Downloads/texto3%20tratado%20de%20nao%20prolifera%C3%A7%C3%A3o%20de%20armas%20nucleares.pdf) > Acesso em 07 de Julho de 2017

O TRATADO DE NÃO PROLIFERAÇÃO DE ARMAS NUCLEARES. 2006. BRASIL. Texto eletrônico. Brasil: INFO ESCOLA, 2006. em: < <http://www.infoescola.com/geografia/tratado-de-nao-prolifera%C3%A7%C3%A3o-de-armas-nucleares/> > Acesso em 27 de Abril 2017

O TRATADO DE NÃO PROLIFERAÇÃO NUCLEAR E O BRASIL. 2010. Brasil. Blog eletrônico. São Paulo: JORNAL GNN, 2010. em: <http://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/o-tratado-de-nao-prolifera%C3%A7%C3%A3o-nuclear-e-o-brasil> > Acesso em 27 Abril 2017

REIGOTA. Marcos. Hiroshima e Nagasaki. 2015. São Paulo. Artigo eletrônico. 2015. em: < [file:///C:/Users/letid/Downloads/Hiroshima%20e%20Nagasaki%20-%20vers%C3%A3o%20final%2019%2008%20%202015%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/letid/Downloads/Hiroshima%20e%20Nagasaki%20-%20vers%C3%A3o%20final%2019%2008%20%202015%20(2).pdf) > Acesso em 31 de Julho 2017

SALOMÓN, Mónica. Teoria e Enfoque das Relações Internacionais: uma introdução. 1. ed. Curitiba: Intersaberes, 2016.

SHULTZ.G. *et al.* A World Free of Nuclear Weapons.2007. New York. The Wall Street Journal, page A15, 2007. em :< [file:///C:/Users/letid/Downloads/A-World-Free-of-Nuclear-Weapons%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/letid/Downloads/A-World-Free-of-Nuclear-Weapons%20(1).pdf)> Acesso 31 de Julho de 2017

TNP- O TRATADO DE NÃO PROLIFERAÇÃO DE ARMAS NUCLEARES. 1996. Rio de Janeiro. Texto eletrônico. Rio de Janeiro: Colégio Objetivo, 1996.em: <<http://www.objetivo.br/noticias.asp?id=3610> > Acesso em 27 abril 2017

VIERA. O G; BATISTA, S.E.F. Paz pelo Desarmamento Nuclear: desafios contemporâneos da proibição com base no impacto humanitário. 2016. Rio de Janeiro. Conjuntura Global, vol. 5 n. 3, p. 438- 459, set-dez, 2016. em: < <file:///C:/Users/letid/Downloads/document.pdf>>. Acesso em 15 de Agosto de 2017